

Impedindo um Novo Eixo do Mal

Autor: Constantine C. Menges

Tradução: André Carezia

(N.T. Este artigo é bastante antigo, e foi traduzido do artigo original em inglês, publicado em 7 de agosto de 2002 no jornal conservador The Washington Times.)

Uma nova ameaça terrorista, envolvendo armas nucleares e mísseis balísticos, pode muito bem vir de um novo eixo que inclui a Cuba de Fidel Castro, o regime de Chávez na Venezuela e um presidente radical eleito no Brasil. Tudo isso conectado ao Iraque, Irã e China. Em visita ao Irã no ano passado, o Sr. Castro dizia: “Irã e Cuba podem colocar os EUA de joelhos”, ao mesmo tempo em que Chávez expressava sua admiração por Saddam Hussein durante uma visita ao Iraque.

O novo eixo ainda é evitável, mas se o candidato pró-Castro for eleito presidente do Brasil, os efeitos podem incluir um regime radical no Brasil, com o restabelecimento dos programas de armas nucleares de mísseis balísticos, a criação de fortes laços com financiadores estatais do terrorismo, como Cuba, Iraque e Irã, e a participação na desestabilização das frágeis democracias circunvizinhas. Isso pode fazer com que 300 milhões de pessoas em seis países fiquem sob o controle de regimes radicais e anti-americanos, e pode permitir que milhares de novos terroristas doutrinados tentem atacar os Estados Unidos a partir da América Latina. Apesar disso, o governo em Washington parece estar dando pouca atenção à coisa.

Os brasileiros terão eleições presidenciais em outubro. Se as pesquisas estiverem certas, o vencedor poderá ser um radical pró-Castro com conexões fortes com o terrorismo internacional. O nome dele é Luis Inácio da Silva, o candidato presidencial do Partido dos Trabalhadores, e tem hoje mais ou menos 40% nas pesquisas. O candidato do Partido Comunista tem 25%, e o adversário pró-democracia tem aproximadamente 14%.

O Sr. da Silva não esconde suas simpatias. Ele já é um aliado do Sr. Castro há mais de 25 anos. Em 1990, com o apoio do Sr. Castro, o Sr. da Silva fundou o Foro de São Paulo para ser um encontro anual de organizações comunistas e de outras organizações terroristas radicais e políticas da América Latina, Europa e Oriente Médio. Esse Foro tem sido usado para coordenar e planejar atividades políticas e ataques terroristas ao redor do mundo e contra os Estados Unidos. O último encontro correu em Havana, Cuba, em dezembro de 2001. Envolveu terroristas da América Latina, Europa e Oriente Médio, e condenou agressivamente a administração Bush e suas ações contra o terrorismo internacional.

O Sr. da Silva, assim como o Sr. Castro, culpa os Estados Unidos e o “neoliberalismo” por todos os verdadeiros problemas sociais e econômicos ainda enfrentados pelo Brasil e pela América Latina. O Sr. da Silva afirmou que a Área de Livre Comércio das Américas é um complô americano para “anexar” o Brasil, e chegou a chamar de “terroristas econômicos” os credores internacionais que buscam receber de volta seus empréstimos de 250 bilhões de dólares. Também chamou de “terroristas econômicos” aqueles que estão tirando dinheiro do Brasil por medo de seu governo. Isso dá uma idéia de que tipo de “guerra contra o terrorismo” seu governo vai travar.

O Brasil é um país vasto e rico, quase do tamanho dos Estados Unidos, com cerca de 180 milhões de habitantes, e a oitava economia do mundo (PIB: mais de 1,1 trilhões de dólares). Além disto, pode ser que se junte em breve às potências nucleares do mundo. Entre 1965 e 1994, os militares trabalharam ativamente para desenvolver armas nucleares. Projetaram com sucesso duas bombas atômicas, e aparentemente estavam na iminência de testar um dispositivo nuclear quando um novo governo democrático foi eleito e uma investigação do Congresso fez com que o programa fosse encerrado.

Essa investigação revelou, porém, que os militares haviam vendido oito toneladas de urânio para o Iraque em 1981. Também revelou que, depois do encerramento do programa brasileiro de mísseis balísticos, o general e 24 cientistas passaram a trabalhar para o Iraque. Há relatos de que um certo potencial de armas nucleares foi mantido secretamente, com financiamento do Iraque, contrariando ordens das lideranças democráticas civis.

O Sr. da Silva afirmou que o Brasil deveria ter armas nucleares e se aproximar da China, a qual tem cortejado ativamente os militares brasileiros. A China já vendeu urânio enriquecido para o Brasil, e já investiu na indústria aeroespacial brasileira, tendo como resultado um satélite usado em imagens e reconhecimento.

O Brasil faz fronteira com dez outros países na América do Sul. Este fato seria de grande auxílio para Lula poder copiar -- como ele disse que faria -- a política internacional do regime chavista da Venezuela, que é pró-Castro e pró-Iraque, e que já deu apoio aos comunistas e narco-terroristas das FARC na Colômbia e a outros grupos anti-democráticos em outros países da América do Sul. Dois anos atrás, Hugo Chavez trabalhou com o Sr. Castro para desestabilizar temporariamente a frágil democracia do Equador. Agora ambos apóiam o líder socialista dos plantadores de coca, Evo Morales, que espera se tornar o presidente da Bolívia agora em agosto [de 2002].

Além de ajudar as guerrilhas comunistas a chegarem ao poder na conflituosa democracia colombiana, um regime de Da Silva no Brasil estaria muito bem situado para auxiliar os comunistas, os narco-terroristas e outros grupos anti-democráticos a desestabilizar as frágeis democracias da Bolívia, do Equador e do Peru. Também seria de grande valia na exploração [política] da profunda da crise econômica que há na Argentina e no Paraguai.

Um regime de Da Silva, além do mais, provavelmente iria suspender o pagamento de suas dívidas, provocando uma grave crise econômica em toda a América Latina, e deixando portanto suas democracias ainda mais vulneráveis. Com a conseqüente contração dos mercados de exportação, isto poderia também gerar uma segunda fase da crise econômica nos Estados Unidos.

Um eixo Castro-Chavez-da Silva significaria conectar 43 anos da guerra política de Fidel Castro contra os EUA com a riqueza petrolífera da Venezuela e o potencial econômico e de armas nucleares/mísseis balísticos do Brasil.

Quando chegarem nossas eleições em novembro de 2004, os americanos poderão perguntar: quem deixou a América do Sul se perder? Os Estados Unidos ficaram passivos politicamente durante a administração Clinton, ignorando os clamores dos líderes democráticos venezuelanos por um auxílio na oposição às ações ilegais e anti-constitucionais do Sr. Chavez. Ignoraram também suas alianças públicas com os financiadores estatais do terrorismo. Por que a administração Bush não age antes que 20 anos de vitórias democráticas se percam na América Latina? Por que nada se faz antes que um vasto e novo flanco seja aberto pelo lado sul da ameaça terrorista, e nossa nação seja ameaçada por mais um regime radical anti-americano, com intenções de possuir armamento nuclear e mísseis balísticos?

Este desastre, tanto para a segurança nacional dos EUA quanto para os povos da América Latina, pode ser impedido se os nossos legisladores agirem com rapidez e decisão. Mas tem que ser agora. Os EUA e outras democracias devem dar atenção política e tomar atitudes. Isso inclui o encorajamento aos partidos pró-democracia no Brasil para que se unam um torno de um líder político capaz e honesto, que possa representar as esperanças da maioria dos brasileiros em uma autêntica democracia, e que tenha os recursos para montar uma efetiva campanha nacional.

--

Artigo original:

<http://www.washingtontimes.com/news/2002/aug/7/20020807-035726-4625r/>